Ano 28. Sábado, 4 de Maio de 1935 N.º 1369

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitania
Rua Eça de Queirós, n.º 3 - AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto — Agencia Havas

O testemunho de um operário

Dentre as realisações representativas na politica social do Estado Novo avulta, seguramente, a instituição das *Casas Económicas*, como uma das mais importantes e fecundas em resultados proveitosos para as classes desprotegidas.

Melhor do que nenhum outro, traduz êsse empreendimento o interesse justificado que aos Governos da situação merecem os operarios e os funcionarios que servem a Nação, provando assim que não é necessario enveredar pelos caminhos perdidos do marxismo e das teorias colectivistas para curar com acêrto e eficácia do bem dos trabalhadores. Muito pelo contrario, qualquer tentativa que se apoiasse nas doutrinas socialistas só traria como consequencia necessaria a ruina da Produção, não logrando melhorar de modo algum a condição das classes operarias que se transformariam em vitimas das experiencias dementadas de certos reformadores *avançados*.

Assim o vão compreendendo os trabalhadores de Portugal, muito oportunamente desiludidos das ideologias marxistas, que, prometendo-lhes um paraizo, acabaria por arremessá-los para o desemprego e para a ruina. Não são de nenhum burguês ou capitalista, mas de um operario conserveiro, estas palavras que recordamos e que foram ditas no Porto quando o sr. Presidente do Ministerio ali foi lançar a primeira pedra de um novo bairro de casas economicas em Abril do ano passado:

«Dantes, o operario era visto pelos plutocratas como uma das muitas mais baratas peças dos seus maquinismos. Como o resto, estava só entregue á *lei da oferta e da procura*. Os governantes tratavam só de *politica*, e, em vez de governar, ou *desgovernavam*, ou *governavam-se*...

Os bem-intencionados não sabiam o que fazer. Começou a revolta entre as classes trabalhadoras — a revolta contra o Capital que nos escravisava e contra os governos ilegitimos que nos abandonavam, desprezavam e esqueciam. Apareceu a *mistica* comunista; essa, porém, despresando por completo o Capital e a Propriedade, deu o resultado que estamos vendo na Russia. Não serve...»

E esse honrado e inteligente operario portuense afirmou ainda o seguinte, que muito nos apraz registar, dirigindo-se ao sr. Presidente do Conselho:

«V. Ex.ª reconhecendo direitos e deveres a todos, fez nos ver que se o Capital precisa de nós, nós precisamos do Capital, que todos precisamos tambem da Propriedade e ainda que todos nós temos familia. Inaugura V. Ex.ª hoje, oficialmente, a primeira pedra da *Casa do Operario* — onde êle possa viver como homem, com a sua familia constituida. Eu sei (porque tenho lido os discursos de V. Ex.ª) que a mulher e a filha do operario devem trabalhar em casa, não à tarefa, como estão trabalhando, mas como familia do operario. O operario terá um dia a sua *casa propriedade*, além do seu *salario minimo*. O que nós queremos como *salario-minimo* é o *salario familiar*, quando puder ser. Já alguns — bem poucos — o dão. Que o dêem todos os que o podem e devem dar.»

Eis o testemunho insuspeito de um operario que não duvida proclamar a falencia irremediavel da mística comunista, afirmando conjuntamente a sua confiança justificada na politica social do Estado Novo. E assim se vai dissipando aquela atmosfera propicia á cultura da luta de classes, êsse dogma marxista que por tanto tempo iludiu operarios e patrões, lançando em guerra sangrenta quem nascera para se compreender e auxiliar. Por isso mesmo pôde alguem já tentar que essa famosa luta de classes inventada engenhosamente pelo patriarca do socialismo não passa, em ultima analise, de um mito criado muito a proposito para explorar os trabalhadores. Não esqueçâmos o caso russo, onde, no parecer autorisado de Valois, os camponêses são impelidos não por motivos concretos, mas por doutrinas e ideologias de intelectuais visionarios, por apetites de aventureiros, por influencias politicas e economicas de certos Estados ou de certos grupos capitalistas. Nesse embate formidavel de interesses inconfessaveis nem chega a descortinar-se a celebre luta de classes nem a muito apregoada ditadura do proletariado. Razão de sobra por que o notavel economista que citamos declara, sem hesitações, que o dogma da luta de classes não passa de um dos êrros mais grosseiros da sociologia marxista, acrescentando, com lucidez, que toda a acção social que porventura se basear nessa superstição lamentavel só poderá conduzir a uma catástrofe tremenda, não á catastrofe que transforme uma sociedade burguesa numa sociedade de proletarios, mas á catastrofe que torna uma nação progressiva numa nação miseravel.

O testemunho reproduzido, dêsse operario do Porto, dá-nos a consoladora impressão de que entre nós, pelo menos, se vai pouco a pouco atenuando essa preocupação revolucionaria, que para bem de nós todos o Estado Novo substituiu pela cooperação das classes.

LUCIO CASTANHEIRO

Resposta a um ataque injustificado

«Quando teve Aveiro um presidente da Camara com tão altas qualidades como o sr. dr. Lourenço Peixinho? Quando, em faltando o dr. Lourenço Peixinho, o terá?»

Eis o caso. E contudo não hesita quem traçou aquelas linhas em fazer hoje causa comum com os inimigos do ilustre aveirense, tornando-se ainda mais inimigo do que eles!

Mas foi sempre assim o *grande panfletario* e *eminente jornalista*. Sempre. Donde se conclue que *o que o berço dá, só a tumba o leva*.

O dr. Lourenço Peixinho, porém, segue a sua rota sem se perturbar.

Está na Camara porque a grande maioria do concelho assim o quere e o Govêrno vê nele um elemento de alta valia, sempre pronto a servir com honestidade e critério.

A quando das ultimas eleições, realisadas seis mezes antes da revolução de 28 de Maio, dizia ainda, a seu respeito, o *grande panfletario*:

«Por Aveiro será votada a lista do sr. dr. Lourenço Peixinho. E' fóra de toda a duvida. Mas não deve obstar essa convicção a que vamos todos á urna **avolumar essa homenagem.** Se todos os que estamos convencidos do triunfo do sr. Lourenço Peixinho ficassemos em casa, não ficaria ele vencedor, mas derrotado. Ou seria tão pequena a sua maioria, que ficava sem força moral para administrar.

Não Nós estamos convencidos de que a lista do sr. dr. Peixinho saírá da urna vitoriosa por *muitos votos* **porque estamos todos resolvidos a ir lá vota-la.»**

E depois de incitar o eleitorado ao cumprimento do seu dever:

«O sr. dr. Lourenço Peixinho tem prestado relevantissimos serviços ao concelho e á cidade. Não tem feito tudo, é claro, **porque não dão as receitas da Camara para fazer tudo.** Pode-se discutir se, de preferencia a certas obras, outras se poderiam ter realisado de maior urgencia ou mais imediata utilidade. Mas, de uma maneira geral, **tudo o que ele fez é bom e necessario. E fez muito. Muitissimo. As suas iniciativas teem sido numerosas e variadas.** Enuncia-las hemos, uma por uma, no proximo numero, para o demonstrar. Então se verá. **Ninguem faria mais. Ninguem. Ninguem faria tanto.**

. . . .

A' urna, pois, pelo sr. dr. Lourenço Peixinho, para interesse e honra da cidade!»

Ora se Lourenço Peixinho possuia os predicados que lhe eram atribuidos pelo *grande panfletario* e *eminente jornalsta*, predicados que ainda conserva, a nosso vêr cada vez mais nobilitantes, a que veio o arrazoado que deu origem a estas transcrições, de flagrante contradição entre o passado e o presente?

Descança, leitor, que lá iremos. Por enquanto vai apreciando. E se és amigo desta terra, como seu habitante, não hesites em acompanhar o mentor dos que criticam a obra grandiosa do dr. Peixinho, exclamando como êle:

Arre, canalha!
Arre, tratantes!

Estradas municipais

—o—

Tendo ha pouco deixado de vigorar a taxa chamada de *Salvação Nacional* que impendia sobre o preço da gazolina, o Governo, no entanto, anunciou já que voltará a decreta-la de novo no intuito de resolver o problema das estradas municipais, da mesma maneira que arrumou, depois de 1926, o problema das estradas nacionais.

Pelo menos é o que se infere das seguintes linhas arrancadas ao decreto de abolição, que, por elucidativo, não pode oferecer duvidas.

Diz assim:

«O governo tem em estudo o problema das estradas municipais que dentro em pouco e com raras excepções se encontrarão no estado em que se encontravam todas as outras em 1926. A sua extensão, maior que as nacionais, e o seu estado de abandono e ruina, ligado ao uso cada vez mais intenso da viação automovel que também as invadiu e exerce enorme acção de desgaste nos pavimentos actuais, criam a prespectiva de despezas que ascedem a algumas dezenas de milhares de contos por ano, primeiro para as repôr em bom estado e modernizar-lhes o pavimento, depois para conserva-las em condições de transito fácil e comodo.

Seja qual fôr a solução definitiva — trabalhos executados pelas Camaras como até aqui ou sua entrega á Junta Autonoma das Estradas para execução dos serviços por conta daquela ou por conta do Estado — o fundo essencial do problema é o mesmo: dispôr da verba necessaria para tão grande empreza. Para êsse fim só se devem considerar actualmente disponiveis as verbas incritas nos orçamentos camarários, para construção e reparação de estradas, que o Estado inscreve no seu orçamento, artigo 146.º do Ministério das Finanças; e distribue pelas Camaras Municipais, como compensação das licenças que cobravam (decreto n.º 17.813 de 30 de Dezembro de 1928).

Prevê se que uma vez posto o problema em equação, se tenha de recorrer ao aumento do direito ou da taxa de *Salvação Nacional*, sobre a gazolina, elevando-a na medida do indispensavel, para se obter a receita compensadora daquela despesa, devendo, porém, ser tal providencia anunciada de modo que o estudo da readaptação de todos os interesses ao novo estado de coisas possa ser feito ponderadamente.»

Muito bem. Por aqui se vê que o Govêrno não descura um só momento os interesses do país, enfrentando resolutamente os principais problemas e procurando resolve-los.

O nosso apoio incondicional a quem assim procede.

O nosso apoio, o nosso aplauso, o nosso entusiastico louvor.

Marechal, não!

O sr. Presidente da Republica respondeu a uma mensagem de saudação que lhe entregaram as Juntas de Fréguesia de Lisboa no dia da sua posse e em que lhe era dado o tratamento de marechal, conforme resolveu a Assembleia Nacional, que agradecia esse titulo, mas não o aceitava porquanto general era, general queria continuar a ser até o fim do seu mandato.

Esta atitude do venerando chefe do Estado é mais uma manifestação de modestia que só o enobrece, dando-lhe cada vez mais prestigio.

Admiravel, esse homem, que actualmente preside aos destinos de Portugal!

O 1.º de Maio

Passou despercebida esta data, outr'ora escolhida pelo operariado para as suas manifestações publicas contra o capital. Chegaram a fazer-se cortejos espaventosos e comicios incendiarios um nome das reindivicações populares. Porém tudo acabou já, chegando se a esta conclusão: o trabalho, que antigamente era de mais, é agora de menos e em muitas partes não o ha, entrando, por isso, a fome e a miseria em muitos lares.

Por esta é que não esperavam, talvez, os que em alto grito reclamavam só 8 horas de trabalho.

Desgraças que acontecem...

Semana da Tuberculose

Inicia-se ámanhã em todo o país a campanha anual em benefício dos que sofrem do terrível flagelo e não teem meios para o combater.

Como não recebemos quaisquer indicações sôbre a propaganda a fazer, a-pesar-de aqui existir um Dispensário, limitamo-nos a esta simples notícia.

Áparte...

Um escorraçado de Cacia, aonde era conhecido pelo *pilha galinhas* e que veio para Aveiro arvorar-se em jornalista, por não ter modo de vida, quer naturalmente, conversa. Mas olhe que estão verdes se julga que a nossa madurêsa lhe hade servir para o joguinho...

Não serve.

E quere que lhe digâmos porquê?

É simples: está fechada a capoeira...

Azas portuguêsas

Na America, os irmãos Jorge e Alfredo Monteverde procedem a preparativos para levarem a cabo, no fim do corrente mez, um vôo de Nova-York a Lisboa.

Os nossos arrójados compatriotas dispõem, para o referido *raid*, de um aparelho cujo raio de acção é de 6.880 milhas, devendo a travessia do Atlantico ser feita pela linha do norte

Que a felicidade os favoreça.

Um cão veneravel

Um telegrama de Tóquio, transmitido á imprensa londrina em 18 do corrente, diz ter morrido o cão Hasciko, que todo o Japão conhecia é, pode-se dizer, venerava.

O animal pertenceu ao dr. Hidesaburo Ueno, que vivia em Schibuya e que todos os dias saía para Tóquio, onde tinha o emprêgo. O cão acompanhava-o e ia espera-lo sempre á estação do caminho de ferro.

O dr. Ueno morreu ha onze anos, e *Hasciko* nunca deixou de ir esperar o comboio em que o dono costumava regressar a casa. O facto tornou-se lendario, era citado nos livros escolares, e o cinêma divulgou o retrato do animal, que por fim teve uma estátua de bronze, em homenagem á sua fidelidade, até para além da morte. O animal adoeceu e foi tratado por cinco veterinarios, mas os esforços foram baldados. O cão foi enterrado não longe da sepultura do dono, com a assistencia de sete sacerdotes.

A fidelidade do cão!

Como nós a admiramos cada vez mais, comparando-a com a de certos homens!

Haja vista...

Almanaque de Fafe

—o—

O director de *O Desforço*, sr. Artur Pinto Bastos, que ha 27 anos edita a publicação recreativa, literaria, artistica e regionalista com o titulo da epigrafe, ofereceu-nos, com amavel dedicatoria, o volume referente a 1935, o qual achâmos simplesmente primoroso. É assim que se dignifica uma terra e se eleva um concelho — fazendo a sua propaganda sem a qual todo o progresso é inutil, principalmente nos tempos que decorrem.

Artur Pinto Bastos presta, pois, um excelente serviço á encantadora vila de Fafe, que torna conhecida átravez as paginas do seu Almanaque, por meio de nitidas gravuras, podendo nós constatar, perante elas, a grande transformação por que tem passado a parte central onde a Camara e o Estado fizeram importantes obras como, de resto, ha sucedido em quasi todo o pais a contar de 1926 para cá.

E não querem, então, que estejâmos ao lado daqueles que promovem os melhoramentos, zelam o brio nacional, defendem o tesouro e manteem a ordem! A ham, mesmo, que, procedendo assim, deixamos de ser republicanos!

Amigo e colega Pinto Bastos: creia que o que dizem certos cavalheiros, arvorados em criticos dos nossos actos, nunca nos fez nem fará mossa. De ordinario, esses, são...uns *tipos*. Que só fizeram mal á Republica por nunca a terem honrado, nem dignificado, antes pelo contrario.

Veja, veja o Pinto Bastos o que vai tambem na sua terra e reveja-se na sua praça. Contra factos não ha argumentos.

Isto com um abraço de retribuição e o nosso agradecimento pela gentilêsa da oferta provocadora destas linhas.

Efemérides

4 de Maio

1848 — Abre-se a Assembleia Constituinte Francêsa.

1895 — Sai em Bragança o 1.º numero de *A Voz da Pátria*.

1908 — Anselmo Braancamp Freire, eleito pelo Partido Republicano vereador da Camara Municipal de Lisboa, resigna a sua cadeira da Camara dos Pares do Reino.

Pela última vez

Ficâmos, então, nisto já que a autoridade assim o quere: os católicos da freguesia lá de baixo orientam se pela hora nova; os de cá de cima, dada a omnipotencia do sacristão de S. Domingos, pela hora velha.

Mas a Lei não é igual para todos?

Devia ser. No entretanto o sacristão dali prefere deixar os católicos sem trindades ao meio dia a ter de se guiar pela hora nova.

Aí, seu têso!

Coisas e tal...

Aveiro teve sempre, e continua a ter, relativa facilidade de juntar elementos em qualidade e quantidade suficientes para organisações de conjuntos culturais, como: musica (bandas, orquestras, corpos corais) teatro, etc. De tudo isto tem havido, com efémera duração. Só as bandas teem conseguido viver e multiplicar-se graças ás rivalidades que, embora necessárias dentro do bom equilibrio dos actos, para estimulo de todos, exageradas, dão-nos o contrario do sabio rifão que diz — pouco, mas bom.

E' o que nos acontece: temos muitas, mas más, ou mais justamente... mais, mas piores.

Melhor teria sido que não crescessem em numero para se manter a qualidade, que não era nada má. Paciencia. Temos tambem a crise da abundancia no capitulo bandas.

No teatro, algo de bom se tem feito, mas sempre em regime deficitario, não de elementos, mas de dinheiro — o mais grave.

Em corpos corais, nada de notável ..os ultimos anos, recordando-me o ultimo que merece referencia especial — o dirigido pelo professor Leão, juntando escolas, liceu, alunos dos asilos, etc.

No capitulo orquestra, tambem pouco tem havido, sendo a ultima, que deu apenas dois ou três concertos, dirigida pelo maestro Antonio Alves — há já uns bons 20 anos. Ora ouvi dizer há poucos mezes que se estava organisando uma orquestra em Aveiro, que tinha iniciado os seus ensaios.

Enfim! — rejubilei. Acordaram os nossos artistas adormecidos! Embora 30 ou 40 executantes não seja uma grande orquestra, era, contudo, um conjunto que poderia dar-nos muitissimas horas de salutar repasto espiritual. Mas, acabamos de ter conhecimento de que não foi por deante, a-pesar-de os ensaios que tiveram.

Não se compreende facilmente porque isto sucede, pois quem, directores e dirigidos, toma o compromisso de livre vontade de coadjuvar um tal empreendimento, não deve ter faltas que possam prejudicar ou desrespeitar o compromisso tomado.

Eu não sei as razões porque sucederia a desorganisação desta orquestra. Podem, porém, ser diversas. Por exemplo: faltas frequentes aos ensaios; falta de cumprimento na execução do elemento A ou B ou C, o que dificulta pôr em ensaio determinadas peças; a escolha dos programas, problema máximo em um conjunto de amadores, para que os concertos resultem de agrado com a boa execução e com a qualidade da música; e ainda a firme direcção para manter o indispensável prestigio entre os executantes obrigando os a seguir-lhe o exemplo sob todos os pontos exigidos.

Outras razões haverá, mas afiguram-se-me éstas as principais. Algumas das apontadas teria sido a causa? Não sabemos. Se foi, não podia remediar-se para evitar que em gestação ainda, falecesse uma admiravel iniciativa? Quem — visto não poder ter sido uma só pessoa — tomou a iniciativa desta organisação não tera força para aplanar qualquer dificuldade, modificando o que está mal, trocando quem está deslocado, enfim não poderá com mais um esforço pô, tudo e todos nos seus devidos logare?

Vamos lá! Aveiro bem merecer mais esse sacrificio.

Ac.

Gomes de Carvalho

Participa-nos que vai terminar o seu labor editorial, reduzindo a sua actividade á de simples mercador de livros, o antigo livreiro-editor de Lisboa, sr. Francisco José Gomes de Carvalho, que ao mesmo tempo agradece ao *Democrata* o auxilio que sempre lhe dispensou.

Não conhecemos pessoalmente o sr. Gomes de Carvalho, que, todavia, tem nesta casa a simpatia que merece quem, como êle, tanto se interessou por engrandecer a literatura portuguêsa, mandando imprimir centenares de obras e promovendo a sua venda. Devido a isso agraciou-o a Academia das Ciencias com a medalha de ouro, a Sociedade de Geografia de Lisboa inscreveu-o como socio no seu Quadro de Honra e do Estado guarda oficios, diplomas e louvores que atestam quanto o seu trabalho foi reconhecido. Não é preciso mais. E pois que o sr. Gomes de Carvalho cumpriu com nobrêsa a missão a que se devotou durante meio seculo, aqui lhe deixâmos consignado o muito que o apreciamos e nos leva a desejar-lhe todas as felicidades de que é digno.

Capas negras...

A próxima visita dos quintanistas de Coimbra

O que nos disse o delegado

Veio de novo a esta cidade afim de continuar os preparativos para a visita dos quintanistas da Universidade de Coimbra o sr. dr. Alberto Rafael Amorim de Lemos, a quem encontrámos na *Partelaria Central* e falámos no assunto.

O dr. Amorim de Lemos é um jovem muito simpatico e afavel, filho de um velho amigo e companheiro do liceu, hoje juiz aposentado, com residencia em Oliveira de Azemeis, que do melhor grado acedeu a dar-nos esclarecimentos. Por isso lhe preguntámos:

— Quantos quintanistas devem visitar Aveiro?

— Uns 80, mais coisa, menos coisa.

— E sobre a missão de que o encarregaram entre nós, está satisfeito?

— Plenamente Tanto o sr. reitor do Liceu, como o presidente da Academia, como os srs. presidentes da Camara e Comissão de Iniciativa e Turismo e as senhoras com quem me avistei me sensibilisaram deveras pela forma atenciosa e delicada como me atenderam e corresponderam aos nossos desejos. Estamos-lhes imensamente gratos e se me dá licença deixe-me manifestar a todos, nas colunas do seu jornal, os protestos de gratidão a que teem jus.

— Outra coisa: os quintanistas que veem conhecem já a cidade!

— A maior parte não conhece. Mas sabe, por tradição, da hospitalidade com que costuma receber os academicos de Coimbra a cidade dos canais e a *una voce* resolveu confraternisar em Aveiro onde existem mulheres encantadoras, sedutoras, que segundo a lenda, renovam a belêsa classica das mulheres que povoaram as colonias gregas implantadas nesta região. Deixe-me dezer-lhe que as meninas de Aveiro, pela sua graciosidade, pelo seu donaire e pela afabilidade do seu trato prendem, fazem despertar em cada um de nós sentimentos novos a que de forma alguma podemos ser indiferentes.

— Ha, então, entusiasmo pela digressão?

— Sem duvida. Ha, mesmo, muito entusiasmo. E tanto que as contrariedades monetarias, que tanto afetam a nossa vida, foram prontamente afastadas. Depois, acresce que, sabeudo nós da particularidade inerente ás meninas de Aveiro, do *charme* que lhes é peculiar e por que desejâmos pagar o bem só com o bem, dentro do negro das nossas capas oculta-se a alvura da nossa gratidão, que foi sempre apanagio da academia coimbra, e permita-me esta franquêsa — o desejo ingente e sincero de que as fitas das nossas pastas sejam assinadas por mãos de fadas que nos encham de alegria, a nós que caminhamos sequiosos de luz, de vida, de amor...

— Então até o dia 19?

— Até o dia 19, ás 10 horas e um quarto, em que terei o prazer de lhe apresentar os meus condiscipulos e colegas, essa embaixada de amisade junto das belêsas da sua terra e das gentilissimas damas que nela habitam.

E com um aperto de mão nos despedimos do dr. Amorim de Lemos (filho) que abalou para Coimbra a transmitir aos companheiros o que por cá vai e se diz e se prepara para os receber de ámanhã a quize dias.

Férias mortais

Um Piôlho viu uma praia e foi-se banhar. Porém, por fatalidade, era uma praia de «Marie Rose». Pobre Piolhinho! Mas viva a «Marie Rose», liquido vegetal perfumado que máta os Piôlhos e as Lêndeas. Preço 5$50 em todas as drogarias.

Recita de caridade

=o=

Repetiu-se, quarta-feira, no Teatro Aveirense, o espectaculo que os nossos amadores levaram a efeiro na noite de 13 de abril, cujo produto reverteu, como o primeiro, a favor da creação duma sopa diaria para os pobres.

Como já aqui dissemos, dos principais papeis foram encarregadas as srs.as D. Orquídia Dália Flores e D. Maria Emilia Neto e os srs. António José Flamengo e Sebastião Amaral, a quem mais uma vez a assistencia coroou o seu trabalho com merecidos aplausos.

De novo renovamos as nossas felicitações a Aurélio Costa, ensaiador e enscenador do grupo.

Viação trágica

=o=

Ao entrar na Avenida Central vindo da Rua de Arnelas, foi, na penultima sexta-feira, de encontro ao automovel de praça n.º 2975 N., que se dirigia á estação do caminho de ferro, o ciclista Arménio Pereira de Pinho, resultando da violencia do embate ficar este grávemente ferido bem como o menor Francisco Vicente Ferreira, de 12 anos, que tambem ia montado na mesma maquina.

Os sinistrados foram imediatamente conduzidos ao Hospital já falecendo o Armenio, que apresentava ratura do craneo e várias contusões pelo corpo, tendo o Francisco, que é filho de João Vicente Ferreira, recolhido a casa depois de pensado.

O motorista, sr. Zacarias dos Santos Madail, que ficou ligeiramente ferido, nenhuma culpabilidade teve no desastre.

O extinto contava 24 anos e era casado. Após a autopsia, recebeu sepultura no cemiterio novo.

* * *

Próximo de Agueda uma camionete de pescado, colheu, segunda-feira de tarde, o sr. António Soares de Oliveira, de 80 anos, que teve morte instantanea.

O conductor poz-se em fuga, mas não lhe queremos estar na pele.

Propaganda e Publicidade

CARTA ABERTA A RAUL DE CALDEVILLA

director do folhetim utilitário de O Primeiro de Janeiro e dele transcrita

Com a sofreguidão com que o meu «ongorá» se atira de manhã a 1/4 de quilo de vitela fresca, que o rapaz traz do talho, assim eu me lancei aos seus artigos sôbre publicidade, logo após ter ingerido, frugalmente, o jantar dêste dia. Eu cômo pouco... e escolhido, não sei se sabe! E isto desde que descobri ser detentor de um fígado péssimo!

Os seus artigos (só me falta o 5.º, onde está êle?) merecem os meus parabéns, que lhos dou sem louvaminhas.

Você conhece do riscado a fundo, e pena é que êsses comerciantes a que alude, e até os próprios jornais não deslizem pelos «rails» que você colocou sôbre bons dormentes...

Chama-se a isso, meu presado Caldevilla, *despejar água* no mar...

Na matéria, não saio da rotinice de um publicitário... de ouvido.

Os meus anúncios, infelizmente, não trazem o cunho de um suportável técnico no assunto: não fogem à norma, ao ram-ram.

Que fazer, se eu nunca frequentei uma escola da especialidade nem tão pouco lidei com os «Ases» do reclamo, que, na América e na Suíça, abundam como as tronchudas no *Anjo?!*

No Brasil, vali-me, exclusivamente, da propaganda *à vol d'oiseau*, sem quaisquer preceitos científicos. Todavia, os resultados foram excelentes. Planos que eu arquitectava em minutos, quási sempre sob um aspecto jocoso, e em sítios onde eu futurava vender muito. Nunca me enganei. E assim, sucessivamente, acreditei variadíssimas marcas de produtos, com um êxito sem par, matemático, certíssimo.

Julgo, por isso, guardar dentro de mim visão e qualidades irmãs (ou primas) das suas, mas onde, penso, se estiolarão, por não haver quem saiba orientá-las e aproveitá-las, convenientemente.

Talvez disperse tudo sem proveito, quem sabe?

Atirarei essas qualidades á paredes, como um inhábil trolha sacode a argamassa da colher?

E' provavel.

Lembro-me muito bem ainda, de uma ocasião saír do Rio, com destino a Manáus, escalando em todos os portos do litoral, para colocar grandes lotes (pilhas imensas) de latas de fósforos de pau. Registo: cada capital de cada Estado tem as suas marcas favoritas de *lumes*, e nem o preço ou a qualidade de uma nova as desbancam. Soube isto no primeiro pôrto onde desembarquei.

E, uma vez instalado no hotel, estirei me na cama, ao comprido, e dei tratos à imaginação. Era preciso viver, brilhar! Idealizei, então, um plano original que pus em prática: levantar-me no dia seguinte, muito cedo, ainda lusco-fusco, e fazer com que um pequeno *exército* de moleques, adrede preparado, distribuisse, gratuitamente, às portas das mercearias (casas de sêcos e molhados), açougues e mercados, uma caixinha por cada preta cosinheira que fôsse às compras.

Os fósforos eram batizados e, como tal, traziam nome: *Gury* — que quer dizer, «rapaz».

As *Vatels* ficavam muito contentes com esta modestíssima oferta, e riam-se, satisfeitas, embolsando o tostãozinho da patroa, o qual gastavam, depois, em *paraty*.

Quinze manhãs, a fio, repeti a cena.

Como coadjuvante desta excêntrica propaganda, aliei a mim, certo bacharel sem vintem, espírito boémio, incorrigível, ilustradíssimo, com uma *verve* extraordinária e bastante facilidade para discursar, o que fazia, de noite, arengando à multidão, que o escutava, e demonstrando, assim, a ótima qualidade do *palito!* Ouvia-se, em redor, o estalar das gargalhadas. O povo divertia-se; gostava da graça.

Outras vezes, acendia, ao meio dia, com um sol rutilante, fósforos sôbre fósforos, para procurar um amigo!... E levava nesta brincadeira horas seguidas, entrando ali e acolá... Punha tudo hilariante por onde passava, com ditos engraçados de fazer o mais sisudo rebentar de riso.

Os jornais eram pequenos, não chegavam para nós. Versos e caricaturas, prospectos aos milhões, espalhavam-se de manhã à noite por tôda a parte, sem solução de continuidade... Um inferno! Todo o Estado, de-lés-a-lés, era invadido, subitamente, pela propaganda endiabrada, como por uma praga de gafanhotos.

Obrigava-se desta forma a que se falasse nos fósforos. Era indispensável e urgente naquela altura forçar a procura e a venda. Visitavam-se, por fim, os importadores e, simultaneamente, os pequenos retalhistas, conseguindo-se os primeiros pedidos, que a casa embarcava por Caminho de Ferro a um frete mais elevado do que por via maritima.

Na ocasião, desejava-se, unicamente, a máxima rapidez.

Venci.

Já não me recordo de quanto dinheiro e latas de fósforos se espalharam em reclamo. Uma conta calada, calculo.

Nem eu fazia as coisas pelo barato naquele tempo!

E assim vendi, e acreditei, radicalmente, aquilo que a todos se afigurava impossível, dada a circustância de cada terra usar a sua marca de fósforos especial.

Concorreu para êsse feliz *desideratum*, a leitura de varios livros pela qual fiquei sabendo que a Fábrica do procurado Sabão «Sapólio» anunciava os seus produtos havia já 30 anos, e que no começo, consagrava apenas 30.000 dólares para tal fim; mas já naquela época consumia mil dólares diários em propaganda, ou sejam, 365 mil dólares por ano — 7.300.000 escudos da nossa moeda!

Grandes armazéns a retalho, do género do *Bon-Marché* e do *Louvre*, de Paris, empregavam, sòmente em Nova York, mais de 4.000.000 de dólares anualmente, com o seu reclamo nos jornais.

Ah! que se eu hoje em dia pudesse despender maiores quantias do que emprego em propaganda, o que não seria! Falta-me a verba, desgraçadamente, e «um anúncio muito pequeno, mesquinho, esmagado entre outros anúncios mais importantes produz uma má impressão e não inspira confiança. O anuncio deve ter uma altura minima de 5 centímetros, o que representa umas quinze linhas, conforme o corpo dos caracteres que se escolher. Cinco linhas de letras grandes valem bem, sob o ponto de vista do efeito, quinze linhas de texto, em tipo pequeno», como refere *Silvain Roudès*.

«O anúncio deve ser sincero, proteiforme, insinuante, persuasivo, importuno». Que faça cócegas, pruridos... bastante brotoeja no público.

Os resultados? Colossais!

Quem anunciar muito, e a preceito, tenazmente, adquirirá fortuna e bem-estar. Será um *Crésus*.

As pessoas que foram a Paris e andaram de *Metro*, hão-de ter visto, ali, em tôda a extensão dos túneis, durante quilómetros e quilómetros de linha férrea, em letras garrafais, esta palavra a espicaçar-lhes a curiosidade e a esverrumar-lhe os olhos: *Dubonnet... Dubonnet... Dubonnet...*, o nome de um célebre aperitivo de farta venda no mundo inteiro. E, no entanto, a França viveu anos e anos no marasmo da indiferença pela publicidade. Actualmente, é um País que consome caudais de ouro na ciência-arte.

Admirai, de noite, as feéricas e formidáveis taboletas luminosas dos *Boulevards* da Cidade-Luz! Efeito maravilhoso e surpreendente, denotando apenas progresso e actividade. No campo industrial e comercial representa o máximo do rendimento. E' que todo aquele que anuncia bem, mostra ter miolos na cabeça!

Certo jornalista escreveu: uma Companhia alemã de Seguros, emquanto distribuiu pelos jornais e revistas uma parte dos seus lucros anuais, viveu na maior prosperidade, arrecadando sempre receitas invulgares, mas logo que deixou de o fazer por um espírito de ganância, tais receitas baixaram como mercúrio de um termómetro em dia de inverno rigoroso...

Claro que, com dez reis de mel coado, não se pode lançar uma propaganda eficaz. Todo aquele que assim pensar, morrerá doido e sem camisa..»

O dispêndio de grossas somas em publicidade, sabe-se, não é despesa. E' antes, uma economia certa, infalivel, fatal como a morte deshumana.

Ora, se você, Raul amigo e eu, pudessemos contractar as páginas de todos os jornais que se publicam em Portugal, para nelas demonstrarmos as virtudes e os encantos do *Seguro de Vida*, certamente conseguiriamos limpar alguns cérebros das teias de aranhas e da poeira da rotina.

Ajuda-lo-ia, até, a desencostar do cais o seu caíque, e remariamos, ambos, pausadamente, contra a maré...

J. BASTOS MONTEIRO

(da Companhia de Seguros «Commercio e Industria»)

Melhoramentos rurais

Informam-nos:

As compartições do Estado para melhoramentos rurais no mês de Janeiro de 1933 somaram 1:145.626$29, em relação a obras orçadas em 2:403.252$06.

Pelo Fundo de Melhoramentos Rurais, as comparticipações do Estado, desde Outubro de 1932, atingem 36.628.179$12, em relação a obras orçadas em 83.897.609$80, compreendendo a execução dos seguintes trabalhos: estradas e caminhos, 969.994,m95; estradas e caminhos reparados, 1.328.939,m36; fontes e lavadouros construidos, 853; fontes e lavadouros reparados, 68.

Beneficiaram do Fundo freguesias de 255 concelhos do continente e de 18 das ilhas adjacentes.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Maria Regina M. Sobreiro; ámanhã, o sr. capitão Amilcar Mourão Gamelas e o nosso velho amigo Pedro Augusto Ferreira, residente no Porto; no dia 6, os srs. Abel Costa, José Martins Arroja, chefe da fiscalisação dos impostos da Camara Municipal e José Nunes Guerra, escrivão de Direito em Soure; em 7, o sr. tenente Jacinto Leopoldo Monteiro Rebocho; em 8, o sr. Abel Gonçalves; em 9, a inocente Rosalina Pereira da Silva, filha do sr. Dionisio Coelho da Silva e o sr. Manuel Francisco de Pinho, de Pinhão (O. de Azemeis) e em 10, o menino Guilherme Augusto e a interessante Marilia Morais, filhos, respectivamente, do nosso amigo sr. José Augusto Martins Taveira e do sr. Alvaro Morais.

Partidas e chegadas

De visita á sr.ª D. Rosalina Alves Fontes, estève no ultimo sabado em Aveiro o sr. dr. Alfredo Freitas, ilustre professor da Universidade de Coimbra, que se fazia acompanhar de sua esposa e nora e da sr.ª D. Vera Gomes de Sousa, gentil filha do sr. general Gomes de Sousa, comandante da II Região Militar.

— Em propaganda da companhia de seguros Comercio e Industria, tem estado nesta cidade o sr. J. Bastos Monteiro, a quem nos foi grato cumprimentar.

— Veio ontem tambem a esta cidade e deu-nos o prazer do seu abraço o nosso amigo e antigo condiscipulo, João Pinto Bessa, acreditado farmaceutico no Couto de Cucujães.

BAILES

=o=

Na casa de ensaio da *Banda Amisade* realisou-se no ultimo sabado uma *soirée* promovida por uma comissão constituida para angariar donativos para a compra duma bandeira a oferecer áquela colectividade, tendo decorrido num ambiente familiar.

O salão achava-se ornamentado a capricho.

* * *

Tambêm na noite de terça-feira teve logar no *Sport Club Beira-Mar* um grandioso baile, que se prolongou até á madrugada do dia 1.º de maio, tendo-se dançado com entusiasmo ao som do *Cartolas Jazz*, da Vista Alegre, que agradou.

Lindos rostos de mulher alí vimos envoltos em *toilletes* garridas e vaporosas a emprestar áquela diversão uma nota alegre de mocidade e de prazer.

Ápar te pequenas deficiencias na organisação, os promotores devem-se sentir satisfeitos pela maneira como tudo decorreu, pois há muito que não assistiamos, naquele grémio, a um baile como o de terça-feira.

* * *

No *Club dos Galitos* está constituida uma comissão para levar a efeito uma *soirée* possivelmente na noite de 1 de junho.

Deixai passar a mocidade.

Necrologia

Em Leiria deixou de existir, domingo, em idade avançada, a sr.ª D. Julia Rangel de Quadros, irmã da sr.ª D. Amélia Rangel de Quadros Correia Nobrega, esposa do sr. Alexandre Correia Nobrega, ali residente e na companhia de quem vivia a ilustre senhora, descendente duma família de fidalga estirpe.

Os despojos da velhinha, depois de lhe terem sido prestadas homenagens funebres na cidade do Liz, vieram para Aveiro num auto dos Bombeiros Voluntarios e ficaram depositados em jazigo de familia, no cemiterio central.

A extínta era tia das esposas dos srs. tenente Natividade e Silva e Agostinho de Sousa, professor na capital, e tinha ainda parentesco com a familia Rebocho.

Aos doridos as nossas condolências.

Correspondencias

Costa do Valado, 4

CASA DO POVO

Por despacho do sr. Sub-Secretario de Estado das Corporações e Previdência Social, foi criada nesta localidade uma *Casa do Povo*, que, provisóriamente, terá a sua séde no edificio do *Recreio Valadense*, para os lados do Ramal.

Brevemente realizar-se-á a inauguração, indigitando-se para fazerem parte da mesa da Assembleia Geral, os srs. dr. José de Azevedo como presidente e Padre Antonio Vieira e Rafael Simões e da Direcção os srs. dr. Carlos Vidal, António Lopes dos Santos e Manuel Gomes Ferreira.

São fins da *Casa do Povo*:

1.º—Criar instituições destinadas a assegurar aos sócios protecção e auxilios nos casos de doença, desemprêgo, inaabilidade e velhice.

2.º—Ministrar ensino aos adultos e ás crianças, promover diversões e a prática de desportos e utilisar o cinêma educativo.

3.º—Cooperar nas obras de utilidade comum: comunicações, serviço de águas e higiene pública e outras equivalentes.

Há duas categorias de sócios: protectores e efectivos.

Sócios proctores são todos os proprietários da fieguesia da Oliveirinha que habitualmente utilizem trabalho assalariado nas suas explorações; sócios efectivos são os chefes de familia da fieguesia e quaisquer outros adultos do sexo masculino de mais de 18 anos, compreendendo os individuos nestas condições que sejam pequenos proprietários residentes na área da freguesia e que ganhem a sua vida trabalhando para outros.

Junto da *Casa do Povo*, passará a funcionar uma Caixa de Previdência, que tem por fim:

Conceder assistência médica, subsidio por nascimento de filho e subsidio por morte.

Dados os fins humanitá ios da útil instituição, é de prevêr que venha a ter um número elevadissimo de sócios em tôda a fréguesia com o que desde já nos regosijâmos, fazendo votos pelo seu progresso.

—Um grupo de amadores de teatro representou domingo no nosso Recreio a operêta comica em 2 actos, *Flor de Aldeia*, de que a assistencia gostou, aplaudindo os principais interpretes.

A parte musical esteve confiada á tuna sob a regencia do seu director, sr. José de Melo.

—Consorciou-se no domingo com a menina Maria dos Anjos, interessante filha do sr. Vicente Bernardo, de Mirão (Douro) e irmã do sr. Alberto Bernardo, factor na estação do caminho de ferro de Estarreja, o nosso conterraneo e amigo Manuel Ferreira Maia, estabelecido com oficina de bicicletas junto da Farmacia Ribeiro.

Serviram de padrinhos a sr.ª D. Celeste Maia, irmã do noivo, e o sr. Manuel Figueira Maio, desta freguesia.

A bôda teve lugar em Estarreja, decorrendo com satisfação e alegria.

Desejamos aos noivos as maiores felicidades.

C.

Esgueira, 1

No ultimo sabado veio dar um espectaculo ao *Recreio Musical* um grupo dessa cidade—*Os curiosos*—que representou algumas comédias, deixando muito a desejar.

Aparte a canção infantil e a marcha final, nada teve que recomendasse os improvisados actores.

—Consorciaram-se há dias: com a menina Maria Rosa Fernandes da Silva, o sr. Duarte da Cruz Tavares, dessa cidade e com Ermelinda Marques Vieira, de Mataduços, o sr. Luiz de Lima, aqui residente.

Aos nubentes, muitas venturas.

—Estiveram aqui a gosar alguns dias de licença os srs. Deolindo Soares da Silva e Manoel José Loureiro, residentes no Porto.

—A pezar de não ser efectuado a festa á Senhora do Alamo, visitaram, domingo, a nossa terra numerosas familias dessa cidade e de logares circunvisinhos, que nos bons retiros que por cá abundam vieram comer os saborosos folares.

Foi uma verdadeira romaria para o que contribuiu o esplendido dia desta Primavera rutilante de sol.

—Faz anos, no próximo sábado, a menina Maria da Conceição Ramalho, a quem felicitamos.

C.

Alumieira, 1

Realizou-se no dia 21 de Abril nesta localidade, da freguesia de Esgueira, uma festa infantil que teve logar na escola primária e resultou brilhante.

Depois do arvorar da bandeira nacional, oferta do sr. Manuel Alves da Silva, efectuou-se uma sessão solene durante a qual a distinta professora sr.ª D. Maria Lucinda de Vasconcelos Alvim agradeceu a dádiva do sr. Silva, explicando o significado do simbolo da Pátria.

Em seguida as crianças entoaram a *Portuguêsa* e o Hino da Bandeira. Também recitaram poesias apropriadas ao acto e outras cheias de graça e encanto, sendo-lhes, por fim, distribuido um *lanch* e entregue prémios às que mais aproveitaram durante o decorrer do ano lectivo.

A musica de Ilhavo tocou o Hino Nacional ao arvorar e arrear da bandeira, sendo a sr.ª D. Maria Lucinda muito felicitada pela forma como os seus alunos desempenharam os seus papeis—obra dum grande esforço e tenacidade.

O povo, que se comprimia no salão da Escola, e aqueles que não obtiveram lugar dentro, mas que, de fóra, viram como puderam, mostravam-se belamente impressionados, desejando que não seja esta a última festa na escola de Alumieira.

P.

Comarca de Aveiro

—o—

Éditos de 15 dias

2.ª publicação

Pelo Juizo de Direito da comarca de Aveiro, segunda Vara e chefe de Secção—Morais—e nos autos de falencia requerida pela Companhia Aveirense de Moagens, sociedade anonima, com séde em Aveiro, contra Manuel Maia, comerciante e padeiro, rezidente em Ilhavo, por sentença de 11 do corrente foi declarado este falido, por ter cessado o pagamento das suas obrigações comerciais, tendo sido nomeado administrador da massa falida Armando Pinheiro, contabilista, de Aveiro e curadores fiscaes os credores Testa & Amadores e Agostinho Marques de Melo, este casado, comerciante e ambas as firmas desta cidade e assim correm editos de 15 dias, a contar da primeira publicação do respectivo anuncio, para dentro d'aquele praso os credores da massa falida reclamarem a verificação e classificação dos seus creditos e alegarem o que entenderem ácerca da data da falencia, devendo comprovar em devida forma a existencia, natureza e circunstancia dos seus creditos, juntando logo os seus documentos e rol de testemunhas e indicando qualquer outra prova que pretendam produzir.

Aveiro, 12 de Abril de 1935.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 2.ª Vara

Melo Freitas

O Chefe da 3.ª, secção da 2.ª Vara

João Antonio de Morais Sarmento

Êste número foi visado pela Censura

Comarca de Aveiro

—o—

Éditos de 30 dias

1.º publicação

Pelo Juizo de Direito da 2.º Vara,—chefe Flamengo—se processam e correm seus termos uns autos de arrolamento de herança jacente por obito de Amelia Carlota, ou Amelia Carlota Batista Samora, solteira, domestica e moradora que foi em Arada, e requerente o Agente do Ministerio Publico nesta comarca, e nos mesmos autos correm editos de 30 dias a contar da segunda e ultima publicação do anuncio, citando quaesquer interessados incertos para, no praso de 8 dias, findo que seja o dos éditos, deduziram a sua habilitação nos termos do parágrafo primeiro do artigo 691 do Codigo do Processo Civil, modificado pelo dispôsto no parágrafo segundo do artigo 94.º do Decreto n.º 21.287.

Aveiro, 12 de Abril de 1935.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 2.ª Vara

Melo Freitas

O Chefe da 1.ª Secção da 2.ª Vara

João Luiz Flamengo

A fechar

Entre amigas:
—E então, zangaste-te com êle?
—Pudera! Imagina que me havia dito que era editor, e, afinal, vim a saber que não passava de escritor.

Comarca de Aveiro

—o—

Editos de 30 dias

1.ª publicação

Pelo Juizo de Direito da segunda Vara—chefe Morisa—se processam e correm seus termos uns autos de execução de sentença, em que é exequente João Marques Dias Ferreira, viuvo, lavrador, de Eixo, e executado Serafim Marques Rodrigues, casado, lavrador, de Eixo, mas auzente em parte incerta, e nos mesmos autos correm éditos de 30 dias a contar da segunda e ultima publicação do anuncio, citando aquele Serafim Marques Rodrigues, para no praso de 5 dias, findo que seja o dos éditos, pagar ao exequente João Marques Dias Ferreira, a quantia de 1.920$00, de indeminisação e procuradoria liquidadas, no processo criminal em que foi condenado e agora na execução de sentença que este lhe move, ou nomear á penhora, dentro d'aquele praso, bens suficientes para aquele pagamento sob pena de se devolver esse direito ao exequente.

Aveiro, 10 de Abril de 1935.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 2.ª Vara

Melo Freitas

O Chefe da 3.ª secção da 2.ª Vara

João Antonio de Morais Sarmento

Comarca de Aveiro

—

Éditos de 15 dias

1.ª publicação

Por este Juizo e Vara, chefe de Secção—Flamengo—e nos autos de falência requerida por Maria da Conceição Pereira, viuva, comerciante, de Ilhavo, por sentença de 13 do corrente, foi declarada aquela falida, por ter cessado o pagamento das suas obrigações comerciais, tendo sido nomeado administrador da massa falida Armando Pinheiro, contabilista de Aveiro, e curadores fiscais Desidério Miranda e o representante da firma *Armazens Alves Viana*, ambos do Porto, e assim correm éditos de 15 dias a contar da primeira publicação do respectivo anúncio, para dentro daquele praso os crédores da massa falida reclamarem a verificação e classificação de seus créditos e alegarem o que entenderem ácerca da data da falência, devendo comprovar em devida forma a existência, natureza e circunstâncias dos seus créditos, juntando logo os seus documentos e rol de testemunhas e indicando qualquer outra prova que pretendam produzir.

Aveiro, 23 de Abril de 1935

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 2.ª Vara

Melo Freitas

O Chefe da 1.ª Secção da 2.ª Vara

João Luiz Flaméngo